CORREIO DO POVO

Trabalho reconhecido

Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Ufrgs tornou-se uma das principais vozes da ciência em meio às cheias

Concerto solidário

A Orquestra de Câmara da Ulbra se apresenta na Capital para arrecadar doações para as vítimas da enchente

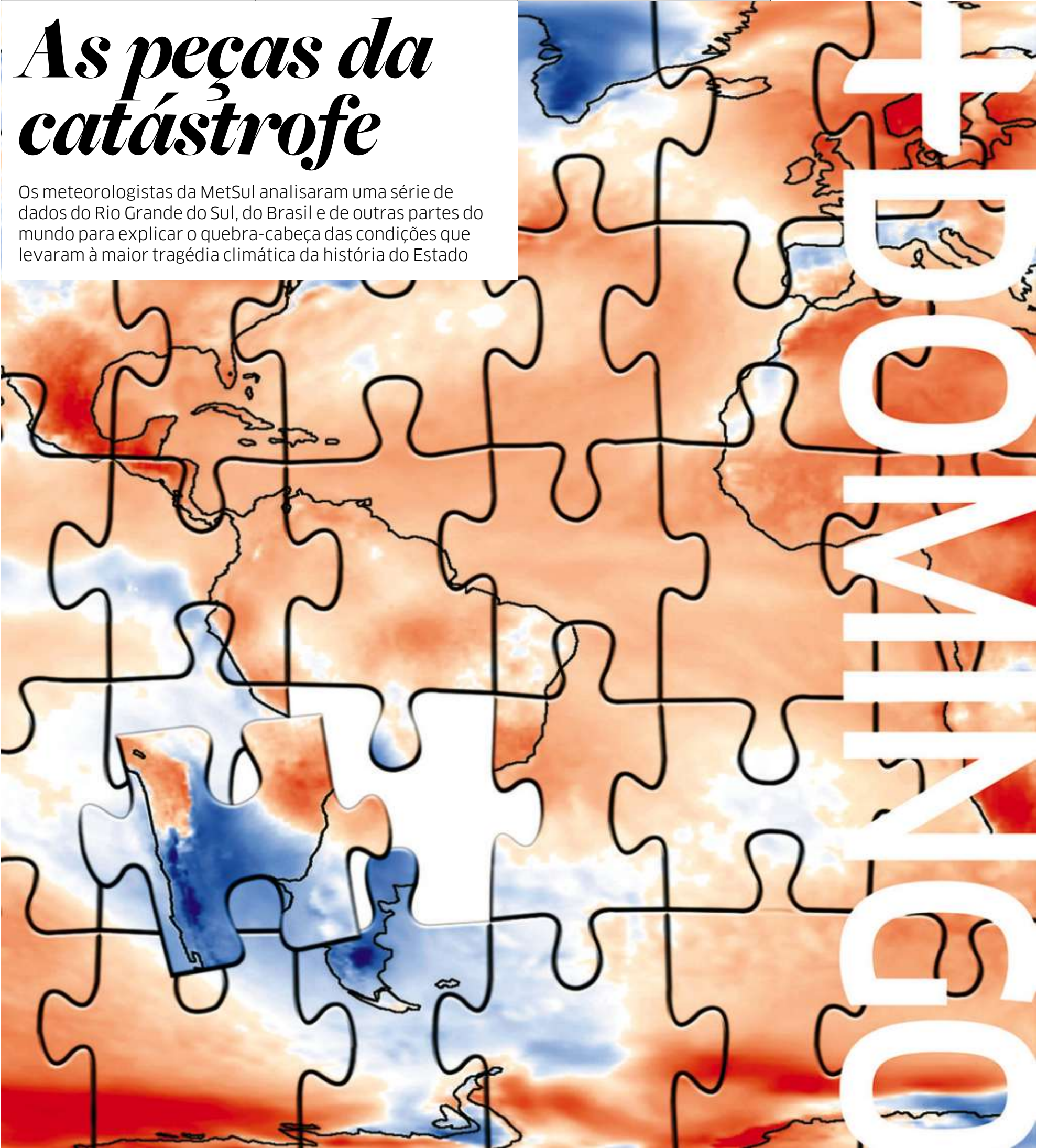
'A Casa do Dragão'

A segunda temporada da série estreia neste domingo, às 22h, no canal de TV e *streaming* Max (HBO)

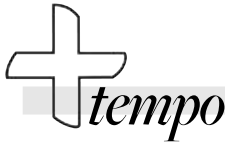
ANO 129
Nº 260
PORTO ALEGRE, DOMINGO
16/6/2024

RS, SC: 4,50 | POA: 4,00

As peças da catástrofe

Os meteorologistas da MetSul analisaram uma série de dados do Rio Grande do Sul, do Brasil e de outras partes do mundo para explicar o quebra-cabeça das condições que levaram à maior tragédia climática da história do Estado

+DOMINGO

ARTE SOBRE IMAGEM DE COPERNICUS / METSUL / CP

tempo

Domingo de chuva forte e alagamentos

Frente semiestacionária sobre o Rio Grande do Sul traz muitas nuvens e chuva durante este domingo. A chuva será forte em diversos pontos com pancadas localmente intensas, especialmente do centro para o norte gaúcho. Risco de alagamentos e transbordamento de arroios. Chove na maioria das áreas do Estado durante o dia e em alguns pontos com trovoadas. Devido ao quadro de instabilidade, a temperatura pouco varia no decorrer do dia com elevada umidade.

Previsão para Porto Alegre:

DOMINGO	SEGUNDA
17º 20º	17º 21º

GRUPO RECORD RS

CORREIO DO POVO

FUNDADO EM 1° DE OUTUBRO DE 1895
EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR

DIRETOR PRESIDENTE
Marcelo de Sousa Dantas
presidencia@correiodopovo.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO
Telmo Ricardo Borges Flor
telmo@correiodopovo.com.br

DIRETOR COMERCIAL
João Müller
jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600 e 0800.0099100
atendimento@correiodopovo.com.br
Atendimento presencial:
Rua Caldas Júnior, 219
das 8h30min às 17h
Redação: Rua Caldas Júnior, 219
Porto Alegre, RS
CEP 90019-900 | Fone (51) 3215-6111

COMERCIAL
Atendimento às Agências: (51) 3215.6169
Teleanúncios: (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br
Operação Comercial: Fone (51) 3215-6101
ramais 6172 e 6173
opec@correiodopovo.com.br

FILIADO

VENDA DE ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606

Modalidade	Capital-POA	Interior RS/SC/PR
Digital (todos os dias)	R$48,00	R$ 48,00
Imp. Sáb./Dom.	R$ 71,00	R$ 78,00
Imp. Seg. a Sex.	R$ 94,00	R$ 103,00
Imp. Seg. a Dom.	R$ 109,00	R$ 119,00

VENDA AVULSA
Capital-POA: R$ 4,00
Interior/RS e SC: R$ 4,50
Demais Estados: R$ 6,00 mais frete

fotocorreio

Leia mais em correiodopovo.com.br/blogs/**fotocorreio**

Foto: Fabiano do Amaral | Texto: Paulo Mendes

Jatos de sonhos por dias melhores

Agora chegou a hora de calçar as botas de borracha, colocar as luvas e arregaçar as mangas. Jatos de fé, de esperança e de muitos sonhos perpassam as mentes de milhares de gaúchos que foram atingidos severamente pelas enchentes de maio. As águas traiçoeiras vieram de roldão, derrubaram cercas, muros e barrancos, arrastaram casas e levaram tudo o que foi construído durante vidas inteiras. Tudo foi, literalmente, por água abaixo. Quando, por fim, a enchente baixou, restou o lodaçal dentro das casas, dentro das lojas, das indústrias. Grandes e pequenos foram atingidos, indistintamente, porque a tragédia climática não poupa ninguém, seja rico, pobre ou remediado. Diante da força descomunal da natureza, o ser humano se torna minúsculo, ínfimo, quase invisível. Nas ruas das cidades, o que se enxerga são pessoas limpando as moradias, recuperando espaços e móveis, tentando retomar a vida que levavam. Juntando os cacos que sobraram, pedacinho a pedacinho, devagar, uma montagem que envolve paciência, calma e muita força de vontade. É hora de arrumar o terreno e partir para novas jornadas. "O tempo não para", já disse o poeta.

opinião

Leia mais em correiodopovo.com.br/**colunistas**

Taline Oppitz

Mais um teste

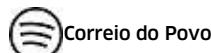
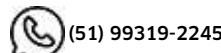
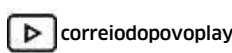
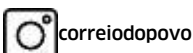
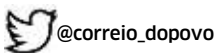
Pelos próximos dias, agentes públicos e a população do Rio Grande do Sul serão novamente testados, já que altos volumes de chuva estão previstos para o Estado.

Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista

Hiltor Mombach

Ficando para trás

Estamos na metade do mês de junho e nem Internacional nem Grêmio encantam suas torcidas. Não vejo como os dois clubes possam chegar a títulos.

Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista

As peças do quebra-cabeças do desastre

Equipe de meteorologistas da MetSul reuniu e analisou dados do Rio Grande do Sul, do Brasil e de outras partes do mundo para reconstituir as condições que levaram ao maior desastre climático da história dos gaúchos

POR ESTAEL SIAS E LUIZ FERNANDO NACHTIGALL COM PRODUÇÃO DE ALEXANDRE AGUIAR E INFOGRAFIA DE LEANDRO MACIEL

Quando as águas começaram a cair com uma ferocidade jamais vista no Estado nos últimos dias de abril, uma "tempestade perfeita" se instalava e a qual levaria ao desastre com as precipitações em volumes recordes e a enchentes sem precedentes.

Nas últimas semanas, nós, meteorologistas da MetSul Meteorologia, recolhemos e analisamos todos os dados disponíveis do Rio Grande do Sul, Brasil e outras partes do mundo em esforço para reconstituir as condições que levaram a um dos mais tristes e dramáticos capítulos da história gaúcha, um verdadeiro quebra-cabeças.

A chuva que caiu foi descomunal. Somente em Porto Alegre, considerando a área do município e a chuva média observada na cidade, de 27 de abril a 31 de maio, foram mais de 300 bilhões de litros de água que caíram do céu.

Os números no Estado são impossíveis de calcular pela baixa capilaridade de estações meteorológicas, mas são astronômicos. Na usina de Dona Francisca, no fim de abril, foi atingida a capacidade máxima do vertedouro (10.600 m³/segundo), valor equivalente à cheia decamilenar, logo o tempo de recorrência ou retorno estimado em 10 mil anos.

Os dados das estações meteorológicas mostraram que a chuva reescreveu a história do clima gaúcho. Jamais, desde o começo das medições, entre 1910 e 1913, havia chovido tanto e em tão curto período em diversas cidades.

Santa Maria anotou 213,6 mm em 24 horas, o maior acumulado diário em 112 anos de medições, superando o recorde de 182,3 mm de 23 de junho de 1943. Porto Alegre, com dados de 1910, teve em maio não só o maio mais chuvoso já observado como o mês com maior precipitação da série histórica com 539,9 mm, superando o segundo que havia sido setembro de 2023, apenas poucos meses antes.

Os acumulados de chuva entre o fim de abril e o fim de maio, em intervalo de 35 dias, ficaram entre 500 mm e 1000 mm em quase todo o Estado. Vários municípios anotaram acumulados em dias equivalentes a um terço e até a metade da climatologia do ano todo. Casos do Vale do Taquari e da Serra, onde choveu mais de 1000 mm.

CAMILA CUNHA

Inundação em Porto Alegre (foto acima), assim como em dezenas de municípios da Região Metropolitana e dos vales do Sinos, Caí e Taquari, obrigou a resgates dramáticos em grandes extensões territoriais e altamente povoadas, o que gerou cenas inéditas na história do Rio Grande do Sul

300 bilhões de litros de água

■ Foi a quantidade de água que caiu **somente sobre o território de Porto Alegre**, considerando a área do município e a chuva média observada na cidade, de 27 de abril a 31 de maio. Os números no Estado são impossíveis de calcular pela baixa capilaridade de estações meteorológicas

Variabilidade natural do clima e mudança climática

Por que choveu tão absurdamente? Variabilidade natural do clima e mudança climática. O quebra-cabeças que levou ao desastre envolve peças que vão muito além dos limites do Rio Grande do Sul e são de escala global, passando por diferentes oceanos e condições a muitos milhares de quilômetros.

Elemento meteorológico central para a chuva extraordinária foi o Rio Grande do Sul estar entre duas massas excepcionalmente fortes de ar frio e quente. Uma por demais aquecida sobre o Brasil e outra gelada sobre a Argentina.

O ar quente estava associado a um bloqueio atmosférico muito forte que fez com que a instabilidade permanecesse atuando por dias sobre o Rio Grande do Sul, despejando quantidades enormes de água e levando ao dilúvio catastrófico.

A diferença de temperatura entre o Brasil e a Argentina era imensa, com o Rio Grande do Sul no meio, juntamente com Santa Catarina e o Uruguai, que também sofreram com enchentes, embora menos graves.

Ao Norte, a cidade de São Paulo teve seu mês de maio mais quente até hoje e a estação oficial anotou no dia 5 a maior máxima já observada em maio desde o começo dos dados em 1943 com 32,8 ºC.

Ao sul, a Argentina gelava e foi forçada a pedir ajuda ao Brasil para o envio de gás a fim de evitar um colapso energético. Os primeiros dez dias de maio chegaram a ter marcas 7 ºC abaixo do normal no sul do país. Buenos Aires teve o maio mais frio desde 2016 com temperatura 2,3 ºC abaixo da média histórica.

Ainda mais ao sul, a chamada Oscilação Antártica, ligada ao cinturão de vento ao redor do continente gelado, teve pulsos negativos na virada de abril para maio, quando do dilúvio, e outro mais para o fim de maio, coincidindo com a chuva extrema de 150 mm em apenas um dia, em 23 de maio, em Porto Alegre. Períodos negativos da oscilação favorecem ar mais frio na Argentina e aumento da chuva no Sul do Brasil.

Entre as duas massas de ar de alta pressão (quente e fria) que inibiam chuva, a umidade na América do Sul acabou canalizada para o Rio Grande do Sul a partir da Amazônia por um corredor de vento em baixos níveis da atmosfera, chamado de corrente de jato, que avançava para sul a leste dos Andes e recurvava em direção ao Estado, formando sucessivamente nuvens carregadas com muita chuva e temporais – até com tornados - no fim de abril e início de maio.

O aporte de umidade foi "turbinado" pelo Atlântico Tropical Norte e Sul com as águas superaquecidas e com temperatura do mar em valores recordes. O mar mais quente leva mais umidade para a atmosfera.

Parte deste ar úmido que deveria ter rumado de leste para oeste em direção ao Caribe América Central e México foi desviada por uma segunda e imensa bolha de calor, que causava escassez de chuva nestas regiões, para o norte amazônico, rumando depois para o Rio Grande do Sul pelo corredor de vento no interior do continente.

A Cidade do México, em maio, quebrou sucessivamente seus recordes de máxima, com até 34,7 ºC. No interior do país, a temperatura chegou a 51,1 ºC em Gallinas. Guatemala e Costa Rica tiveram seus dias mais quentes já observados em junho. Miami, nos Estados Unidos, com dados desde 1896, registrou o maio mais quente até hoje.

O superaquecimento oceânico se insere em um contexto de mudanças climáticas, uma vez que os oceanos absorvem 30% do dióxido de carbono na atmosfera, cujas emissões estão em níveis jamais vistos pela espécie humana. Nunca, desde o começo dos registros, a temperatura dos oceanos da Terra esteve tão alta quanto nos últimos 12 meses, com recorde por larga margem.

Maio, aliás, foi o mais quente já observado no mundo. Conforme o Sistema Copernicus, da União Europeia, a temperatura média do planeta no último mês foi 0,65 ºC superior à média 1991-2020 e 1,5 ºC acima do período 1850-1900.

Foi o 12º mês seguido de temperatura global recorde. Entre junho de 2023 e maio de 2024 a temperatura do globo ficou 0,75 ºC acima da média 1991-2020 e 1,63 ºC superior ao período 1850-1900.

Ao mesmo tempo, no Pacífico Equatorial, o El Niño ainda estava presente, mesmo que nos seus últimos dias. Historicamente, o El Niño causa extremos de chuva e enchentes no inverno e primavera do seu primeiro ano, no caso 2023 no evento recém terminado, e no outono do ano seguinte ao seu começo, logo em 2024.

Estudo de atribuição rápida da World Weather Attribution, conduzido por cientistas do Brasil, Reino Unido, Holanda, Suécia e Estados Unidos, e publicado dias atrás, identificou o El Niño e as mudanças climática como causas principais da chuva extrema no Rio Grande do Sul.

Trabalho científico conduzido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), em 2015, de Valéria Borges Vaz, sobre enchentes em Porto Alegre, estimou a recorrência da cheia de 1941 em 114 anos. As mudanças climáticas, entretanto, parecem ter diminuído o valor da recorrência.

Conforme o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), a tendência é que a elevação da temperatura do planeta leve a extremos de chuva mais frequentes e intensos no Rio Grande do Sul.

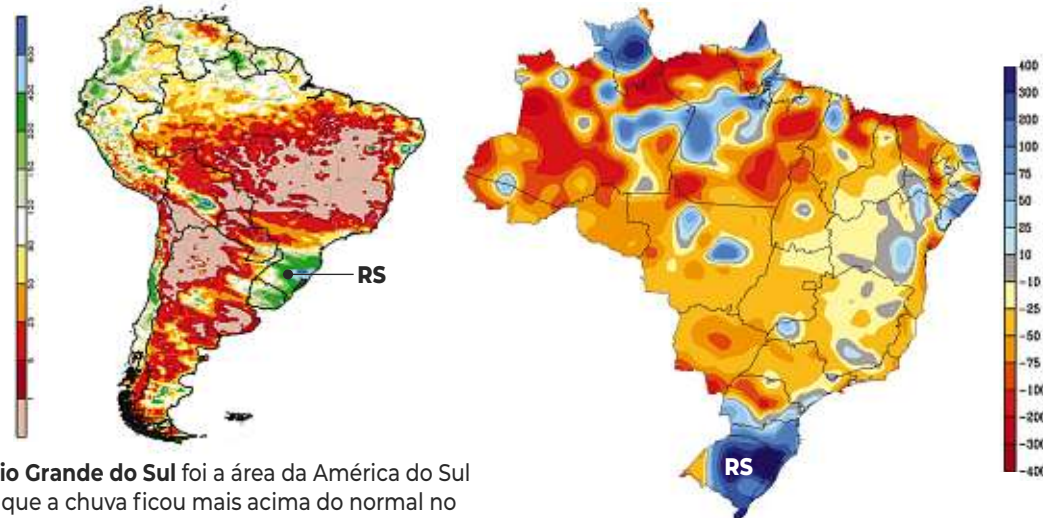
O estudo de atribuição da World Weather Atributtion, a propósito, identificou que a crise climática aumentou em mais de duas vezes a probabilidade da chuva extrema no estado e a tornou de 6% a 9% mais intensa.

Porto Alegre, desde o começo dos registros em 1910, teve os dois meses mais chuvosos de sua história climática em maio de 2024 e setembro de 2023. O Guaíba, após 1941 (nível de 4,76 metros), levou 26 anos para exceder a cota de 3,00 metros e transbordar, em 1967 (3,11 metros).

Após, foram necessários outros 56 anos até a enchente de setembro de 2023 (3,18 metros). E, depois, só 50 dias até a enchente de novembro (3,46 metros). Para meio ano depois, em maio de 2024, ter a maior cheia da história, com pico superior a 5 metros.

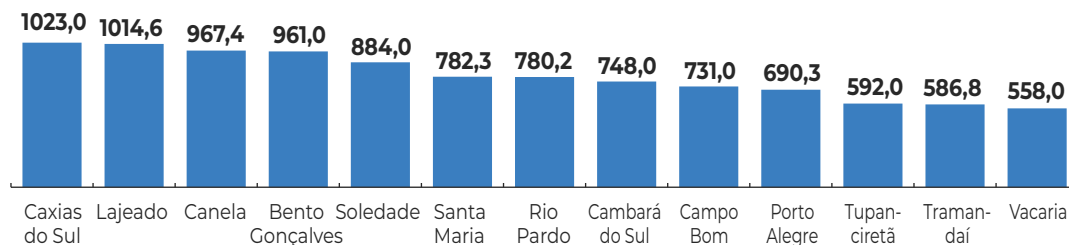
A recorrência de chuva extrema e enchentes dos últimos meses são uma evidência de que o clima se transformou. Com a tendência de o planeta aquecer ainda mais, extremos catastróficos como de 2023 e 2024 terão tempo de recorrência ainda menor. São um alerta, duro e sofrido, para o futuro. Que estamos em novo momento da nossa história climática, e diga-se perigoso.

CHUVA AO EXTREMO NO RIO GRANDE DO SUL

O Rio Grande do Sul foi a área da América do Sul em que a chuva ficou mais acima do normal no mês de maio com volumes até 500% ou mais da média mensal em algumas áreas do estado, como a Serra. Grande parte do continente, porém, teve um maio de chuva abaixo a muito abaixo do normal pelo ar gelado na Argentina e a grande massa de ar seco e quente no Brasil.

O Rio Grande do Sul foi a área da América do Sul em que a chuva ficou mais acima do normal no mês de maio com volumes até 500% ou mais da média mensal em algumas áreas do estado, como a Serra. Grande parte do continente, porém, teve um maio de chuva abaixo a muito abaixo do normal pelo ar gelado na Argentina e a grande massa de ar seco e quente no Brasil.

A chuva ficou abaixo da média em quase todo o Brasil no mês de maio. Onde mais choveu foi nos extremos Sul e no Norte do país com acumulados de precipitação fora do normal no Rio Grande do Sul.

QUANTO CHOVEU

Chuva entre 27/4 e 31/5 em milímetros:

FONTE: METSUL, NIH/UNIVATES, NOAA E INMET

O clima vem mudando e as consequências estão cada vez mais visíveis

■ O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) aponta que **a elevação da temperatura do planeta leva a extremos de chuva mais frequentes e intensos no Rio Grande do Sul**. Um estudo de atribuição rápida da World Weather Attribution, conduzido por cientistas do Brasil, Reino Unido, Holanda, Suécia e Estados Unidos, identificou o El Niño e as mudanças climática como causas principais da chuva extrema no Estado.

■ A recorrência de chuva extrema e enchentes dos últimos meses são uma evidência de que o clima se transformou. Com a tendência de o planeta aquecer ainda mais, extremos catastróficos como de 2023 e 2024 terão tempo de recorrência ainda menor. São um alerta, duro e sofrido, para o futuro. Que **estamos em novo momento da nossa história climática**, e diga-se, perigoso.

A ORIGEM DE UM DESASTRE SEM PRECEDENTES

Complexo cenário oceânico e atmosférico levou ao maior desastre da história do Rio Grande do Sul com chuva recorde e enchentes sem precedentes em gravidade. Variabilidade natural do clima e mudanças climáticas com interferência humana estão na gênese da grande catástrofe gaúcha.

1

BOLHA DE CALOR NO CARIBE E AMÉRICA CENTRAL
Uma bolha de calor enorme que inibia chuva e trazia temperatura recorde em vários países atuava na América Central, Caribe, México e o Sudeste dos Estados Unidos.

2

EL NIÑO
O fenômeno El Niño, que costuma trazer muita chuva no outono para o Rio Grande do Sul no ano seguinte ao seu começo, ainda atuava no fim de abril e maio na faixa equatorial do Oceano Pacífico.

3

AR GELADO
Intensa massa de ar polar atuava no começo de maio na Argentina.

4

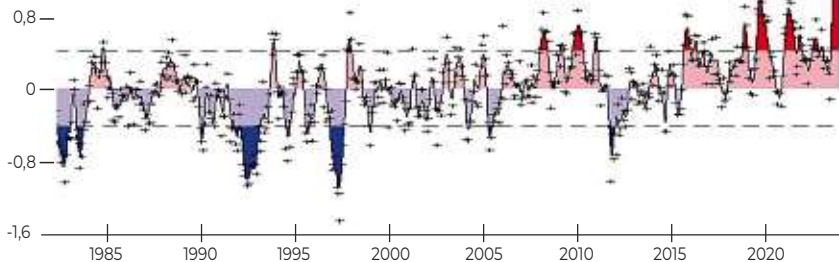
BOLHA DE CALOR NO BRASIL
Uma grande bolha de calor sobre o Brasil fez com que a instabilidade permanecesse sobre o Rio Grande do Sul por vários dias seguidos sob um padrão de bloqueio atmosférico enquanto a temperatura batia recordes para maio no Centro do país.

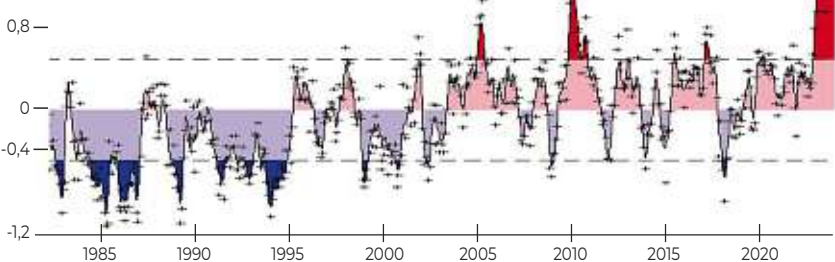
5

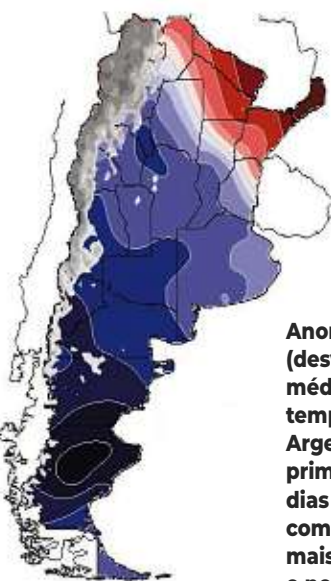
ATLÂNTICO SUPERAQUECIDO
O Oceano Atlântico na região tropical estava superaquecido com as águas muito quentes liberando maior umidade na atmosfera que, transportada por ventos em altitude para Oeste, avançou entre as bolhas de calor do Brasil e do Hemisfério Norte. Era reforçada pela umidade inerente da Amazônia e canalizada para o estado gaúcho.

BOLHA DE CALOR
México
Caribe
CORREDOR DE UMIDADE
ATLÂNTICO SUPERAQUECIDO
Amazônia
BOLHA DE CALOR
Brasil
EL NIÑO
Cordilheira dos Andes
Oceano Atlântico
RS
Oceano Pacífico
AR GELADO
Argentina

ANOMALIA DE TEMPERATURA DO MAR NO ATLÂNTICO TROPICAL SUL (TSA) Em °C

0,8 — 0 — -0,8 — -1,6
1985 1990 1995 2000 2005 2010 2015 2020

ANOMALIA DE TEMPERATURA DO MAR NO ATLÂNTICO TROPICAL NORTE (TNA) Em °C

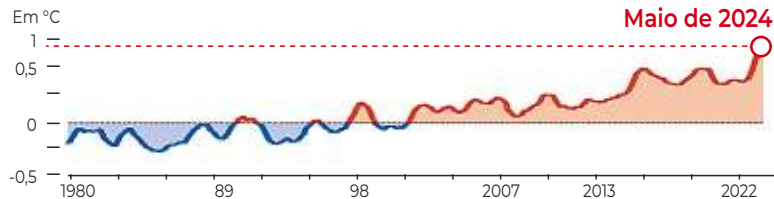
0,8 — 0 — -0,4 — -1,2
1985 1990 1995 2000 2005 2010 2015 2020

ARGENTINA GELADA

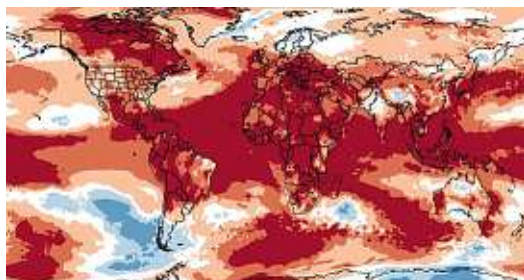
O Rio Grande do Sul estava entre a grande massa de ar quente e seco no Brasil e uma massa de ar extremamente frio que atuava sobre grande parte da Argentina com temperatura muito abaixo do normal.

Anomalia (desvio da média) da temperatura na Argentina nos primeiros dez dias de maio com ar muito mais frio que o normal

OSCILAÇÃO ANTÁRTICA

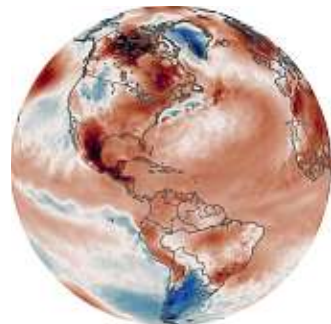
Dois pulsos negativos da Oscilação Antártica (cinturão de ventos ao redor da Antártida), um na virada de abril para maio, que favoreceram a chuva extrema por dias entre 27 de abril e 5 de maio, e outro na segunda metade de maio, que colaborou para a chuva extrema de 23 de maio em Porto Alegre e outras cidades. Os dois eventos influenciaram no ar gelado na Argentina

MÉDIA MÓVEL DE 12 MESES DA TEMPERATURA DO PLANETA ENTRE 1980 E MAIO DE 2024.

Maio foi o mês mais quente já registrado no planeta e os 12 meses entre junho de 2023 e maio de 2024 os doze meses mais quentes da história.

TEMPERATURA DO PLANETA

Foi recorde em muitas áreas do mundo no período de junho de 2023 a 2024.

Recorde
Muito acima
Acima
Próximo do normal
Abaixo
Muito abaixo
Recorde

DESVIO (ANOMALIA) DE TEMPERATURA EM MAIO

No continente americano com temperaturas acima a muito acima da média em quase todos os países.

MAIS FRIO -5°C 0°C +5°C MAIS QUENTE

FONTE: METSUL METEOROLOGIA, NOAA, NASA, COPERNICUS, BRIAN BRETTSCHNEIDER E ZACHARY LABE

Pesquisador explica as previsões das águas

Fernando Fan, do IPH/Ufrgs, é um dos responsáveis pelos boletins diários divulgados desde o início do desastre ambiental no Estado. O Instituto foi um dos principais porta-vozes da ciência, em meio às cheias nos rios do RS

POR GABRIELA SARDI *

O Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IPH/Ufrgs), em Porto Alegre, viu sua popularidade crescer exponencialmente desde o início do desastre ambiental no Estado. Segundo dados do Google Trends, ferramenta que mede a evolução no número de pesquisas por determinado termo na plataforma, a busca por "IPH" atingiu seu pico entre os dias 5 e 11 de maio deste ano. A título de comparação, um mês antes, o mesmo termo tinha índice zero na plataforma, indicando baixo volume de pesquisa.

As razões do aumento no interesse pelo IPH não são difíceis de supor. Divulgando boletins diários com previsões hidrológicas, o Instituto se tornou um dos principais porta-vozes da ciência em meio às cheias nos rios do RS. Todos os prognósticos do IPH, até o momento, se confirmaram.

Fernando Fan, professor do IPH, explica como a equipe de pesquisadores do instituto consegue antever o nível do Guaíba e de seus afluentes. É o docente que, junto ao professor Rodrigo Paiva e ao engenheiro Matheus Sampaio, mestrando do Instituto, elabora os boletins. Ele revela que os prognósticos consideram os efeitos das chuvas e dos ventos, bem como o índice de vazão dos rios. Para compreender como se dá a previsão do nível das águas, porém, é preciso dar um passo atrás e conhecer a dinâmica do Guaíba, ou seja, como se dá a relação entre o rio e seus afluentes.

DINÂMICA DAS ÁGUAS

Fernando destaca que o Guaíba é alimentado por cinco grandes rios: Taquari-Antas, Dos Sinos, Caí, Gravataí e Jacuí. Esse último é responsável pela maior parte do abastecimento, cerca de 80% do total. "Acontece que o Jacuí geralmente é lento, então chove em cima dele e a água demora vários dias até cair no solo, infiltrar e escoar para o Guaíba." O professor argumenta que os demais rios da bacia, especialmente o Taquari e o Caí, têm vazão mais rápida, em razão das áreas declivosas e solo raso. Por isso, quando chove muito, eles "descem com tudo", diz Fernando, citando as aferições no Taquari realizadas no início de maio que revelaram a subida de 6 metros no nível das águas em apenas 24 horas. O que aconteceu na histórica cheia deste ano foi a sincronia no escoamento das águas dos rios Jacuí e Taquari, que, mesmo com ritmos distintos, acabaram por desaguar juntos no Guaíba, causando a rápida subida nos níveis do lago.

O trio do IPH – o mestrando Matheus Sampaio e os professores Rodrigo Paiva e Fernando Fan – já estava estudando as cheias no Guaíba há mais de um ano, a fim de entender as trajetórias das tormentas que causam esse fenômeno. De acordo com Fernando, a análise é feita por meio de representações matemáticas do comportamento da água. São como as fórmulas de Física do Ensino Médio – só que um pouco mais complexas. Assim como podemos calcular o deslocamento de um objeto de um ponto a outro, os pesquisadores do Instituto conseguem estimar, por exemplo, o tempo necessário para certa quantidade de água escoar de um corpo hídrico a outro. Para isso, eles fazem uso dos chamados modelos hidrológicos, uma série de equações concatenadas que relacionam diversos fatores. Os dados são, hora a hora, inseridos no modelo para, ao final, formar o hidrograma, um gráfico que relaciona a vazão de uma dada bacia hidrográfica ao longo do tempo. Para a análise, são fundamentais dois insumos: os dados observados de chuva e de vazão dos rios e, no caso de previsões a longo prazo, os níveis estimados de chuva, que, assim como toda previsão do tempo, podem ser incertos.

Nos boletins do IPH, as estimativas de chuvas vêm de dois centros estrangeiros, um europeu e outro estadunidense. Os dados não são combinados, mas sim utilizados separadamente, gerando linhas distintas no hidrograma final.

*Sob orientação de Maria José Vasconcelos

Dia a dia da previsão

- A rotina do trabalho de previsão começa às 6h.
- Os especialistas Fernando, Rodrigo e Mateus analisam os dados observados de vazão, desde o dia anterior, verificando como os rios se comportaram. Ainda são checados os dados sobre as chuvas e verificadas quaisquer inconsistências.
- A seguir, começa a rodar o "Modelo de Grandes Bacias (MGB)", desenvolvido pelo IPH em 2001, que faz a transformação da chuva em vazão. Esses dados são comparados, então, com as medições observadas nos pontos de referência: o rio Jacuí, lá em Rio Pardo, o rio Taquari, lá em Santa Teresa, e o rio dos Sinos, em São Leopoldo.
- Feitos eventuais ajustes, o time usa o Modelo Aerodinâmico para simular o comportamento da água nos vários pontos dos rios.
- É esse modelo que fornece as previsões dos níveis do Guaíba. Fernando diz que é importante considerar a margem de erro dos prognósticos. "Escrevemos no boletim a nossa interpretação dos resultados (...). E sabemos as incertezas que o modelo tem", ressalva.

Fernando espera que, como investimento de Estado, ocorra expansão da rede de monitoramento meteorológico, ampliando dados, cálculos precisos das previsões e agilizando soluções com maior eficiência e antecedência.

FERNANDO MAINARDI FAN / ARQUIVO PESSOAL / CP

A dança dos dragões

A segunda temporada da série 'A Casa do Dragão' estreia neste domingo, às 22h, no canal de TV e *streaming* Max (HBO)

POR ADRIANA ANDROVANDI

HBO MAX / DIVULGAÇÃO / CP

Cena da segunda temporada da série 'A Casa do Dragão', com os atores Matt Smith e Emma Dárcy, como Daemon e Rhaenyra Targaryen

Estreia neste domingo, 22h, a 2ª temporada da série "A Casa do Dragão" no canal de TV e streaming Max (HBO). Baseada no livro "Fogo e Sangue", de George R.R. Martin, "A Casa do Dragão" é ambientada 200 anos antes dos eventos de "Game of Thrones", seriado que foi exibido de 2011 a 2019, com oito temporadas.

"A Casa do Dragão" é, portanto, um spin-off (derivado) da série já exibida. O foco narrativo conta a história da Casa Targaryen, família que tem como característica seu cabelo loiro platinado. Na sua cultura, ocorrem casamentos entre parentes para manter a linhagem. A narrativa é ambientada em um mundo fictício, Westeros, em que existem dragões domados por esta família e que lhes dão extrema vantagem para vencer conflitos e guerras.

Conforme informa o canal, o primeiro episódio retoma a trama onde os fãs se despediram dos protagonistas: a filha do recém-falecido rei Viserys, Rhaenyra (Emma d'Arcy), disputa o trono com seu meio-irmão Aegon (Ty Tennant), que acaba de ser coroado. Desde a morte do rei, a disputa pelo trono colocou em conflito os seus filhos. A filha mais velha, Rhaenyra, fruto do primeiro casamento, e os do segundo, entre eles Aegon e Aemond, que têm como mãe Alicent (Olivia Cooke).

Nos últimos momentos da primeira temporada, Rhaenyra envia um de seus filhos em um dragão para formar alianças, mas no caminho o jovem Lucerys morre em uma batalha nos céus com o primo Aemond (Ewan Mitchell), o irmão de cabelos brancos e apenas um olho que age em favor de Aegon. A partir deste ponto, começa a saga que vai se desenrolar pelos oito episódios da nova temporada, que tem seu final em 4 de agosto.

Quem conhece o estilo do seriado sabe que pode esperar violência, ambição e humor ácido. O autor costuma incluir sempre um elemento-surpresa em seus trabalhos, algo inesperado para uma narrativa "padrão". Em "Game of Thrones", chocou os espectadores ao "matar" personagens que se considerava até então os heróis ou protagonistas da série. Na sequência, outros foram ganhando projeção.

Os episódios da segunda temporada de "A Casa do Dragão" ainda são segredo. Mas se sabe que o personagem Daemon (Matt Smith) é um dos mais complexos. Se alguma reviravolta acontecer, é possível que seja com ele.

Irmão do falecido rei, ele já desejou a coroa e por um período viveu no exílio. Na primeira temporada, depois de anos ele retorna e acaba casando com Rhaenyra. O showrunner da série, Ryan Condal, em entrevistas para a imprensa estrangeira, revela: "O personagem mais imprevisível talvez seja Daemon, o tio e marido de Rhaenyra, fiel à sua rainha, mas também obcecado pelo trono".

No trailer da série, Daemon aparece com armadura preta dizendo que vai para Porto Real, onde Aegon começou a governar o reino, que tem o verde como cor de identificação. A dúvida que se apresenta é se Daemon vai se manter fiel à Rhaenyra ou pode mudar de ideia com o desenrolar dos acontecimentos.

A série "A Casa do Dragão" estreia após dois anos de espera. A greve dos roteiristas em Hollywood atrasou a produção.

Se o roteiro seguir o livro, pode-se esperar que cada lado da família busque apoio de outras casas (feudos) da região e seus exércitos. Um dos capítulos aborda uma batalha em um local chamado "Pouso de Gralhas". Outra novidade bastante cruel que deve entrar na trama é a contratação de dois assassinos, conhecidos como Sangue e Queijo, para agir na Fortaleza Vermelha. Na quinta-feira passada, ou seja, três dias antes do lançamento desta segunda temporada, a plataforma Max anunciou que haverá uma terceira temporada. Que comece a dança dos dragões.

Luiz Gonzaga Lopes

@luizgonzagalopes_

Novidades no Natal Luz

A Gramadotur, com o aval do Conselho de Administração da Autarquia, anunciou novidades na realização da 39º edição do Natal Luz de Gramado que acontece de 24 de outubro de 2024 até 19 de janeiro de 2025, na cidade serrana gaúcha Uma destas novidades é a volta do Grande Desfile de Natal para o centro de Gramado. Ele vai acontecer no trajeto da avenida das Hortênsias entre a rótula com a rua Garibaldi e a rótula da avenida Borges de Medeiros, tudo no espaço com cobertura dos arcos luminosos. O último Desfile de Natal no Centro aconteceu no ano de 2013. A partir de 2014 até 2023, este evento de Natal em Gramado foi realizado no Expogramado. Mais detalhes sobre a logística deste ano do evento natalino, a Gramadotur deve divulgar nos proximos dias.

A Gramadotur definiu o tema da edição do Natal Luz. "Acolhimento" é a palavra. O planejamento é ampliar o bem receber de Gramado e trazer para as atrações este diferencial. "Vamos ter todo um acolhimento, principalmente para os expectadores com transtorno do espectro autista (TEA) em nossas atrações", destacou a presidente da Gramadotur, Rosa Helena Pereira Volk. A venda de ingressos a agências e operadoras de turismo está aberta pelo natalluz.eleventickets.com. As vendas para o público serão abertas no dia 11 de julho.

CLEITON THIELE / SERRAPRESS / CP

O Grande Desfile de Natal sai do Expogramado e volta ao Centro de Gramado nesta 39ª edição do Natal Luz a partir de outubro

Noite solidária

Doze escritores gaúchos farão uma noite solidária de autógrafos na Livraria Santos da Galeria Casa Prado (Dinarte Ribeiro, 148), na quinta, 20, 19h, pela reconstrução das lojas alagadas pela enchente. A ideia é ajudar a livraria a vender livros para recuperar o prejuízo estimado em R$ 1,5 milhão pela perda de 80 mil livros inutilizados pelas águas que atingiram o depósito na avenida Brasil e na loja do Canoas Shopping.

Escritores como Martha Medeiros, Roberto Rachewsky, Luiz Coronel, Cláudia Tajes, Rodrigo Nejar, Maria Carpi, Eduardo Bueno, Paula Taitelbaum, e jornalistas como Rogério Bohlke, Alex Bagé e Cesar Cidade Dias, além do ex-jogador da dupla Gre-Nal Paulo César Tinga, com sua biografia, estarão presentes para assinar seus livros. Haverá também música instrumental com Cleber Guterres.

+ roteiro de domingo

EDUARDO SEIDL / DIVULGAÇÃO / CP

Concerto solidário da Orquestra da Ulbra

A Orquestra de Câmara da Ulbra realizará um concerto solidário neste domingo, às 11h, na Comunidade Luterana São Lucas (rua Luiz Voelcker, 285 - Três Figueiras, Porto Alegre). Como forma de arrecadar doações às vítimas da enchente, o concerto será gratuito mediante a entrega de alimentos não perecíveis. Com regência de Tiago Flores, o programa será dedicado à obra de dois dos maiores compositores do período Clássico e da história da música ocidental: Wolfgang Amadeus Mozart (1756 - 1791) e Franz Joseph Haydn (1732 - 1809). Juntos, eles personificam o chamado Classicismo Vienense. A apresentação começa com a execução de "Divertimento em Sib", de Mozart – que compôs diversas obras deste gênero musical. A próxima é "Sinfonia nº 29, em Lá M. K. 201" – uma das mais interessantes e refinadas do fértil período do compositor, entre 1772 e 1774. O concerto se encerra com a "Sinfonia nº 45 – A Despedida", de Haydn. A obra ficou conhecida por seu último movimento, no qual os instrumentistas vão parando de tocar, vão fechando as partituras e deixando o palco.

EDU MORAES / RECORD / CP

Semi do 'Canta Comigo'

A primeira semifinal do "Canta Comigo 6" acontece neste domingo, a partir das 18h, na Record. Para garantir duas vagas na competição, nove participantes vão dar o melhor de si para conquistar o painel de jurados, mas apenas dois deles avançam de fase. É tudo ou nada pela disputa do prêmio de R$ 300 mil. Sob o comando de Rodrigo Faro, os artistas, como Tirza Almeida (na foto com Faro), vão cantar "Amazing Grace", "Killing me Softly", "Bring me to Life", "Fogão de Lenha" e "Estranha Loucura", entre outras.

Novo de Maria Carpi

A escritora Maria Carpi lança neste domingo, 16h30min, o livro infanto "O Quebra Galho e O Faz de Conta" (Ardotempo). O lançamento ocorre na Feira Reconstrói RS, no Instituto Ling (João Caetano, 440). "Escrevi o livro durante a pandemia, em homenagem às crianças. Faço parceria existencial entre Prosa e Poesia, dois irmãos convivendo na mesma cidade, à beira de um rio (minha Macondo). O primeiro tudo pode fazer e consertar e o segundo, inventor de metáforas, faz a transposição da linguagem para o mundo dos sonhos", frisa Carpi.

DIEGO LOPES / CRL / CP

+ palavras cruzadas

Via das Grandes Navegações
Menor e maior ossículos da orelha
(?)-culpa, admissão de erro (lat.)
(?) de Saint-Exupéry, escritor de "O Pequeno Príncipe"
A postura de bailarinas (pl.)
Ameaça de exposição íntima em troca de dinheiro
Artesão de trajes de animes e games
Celebração a Paulo Freire em 2021
Rato, em inglês
Grande ave brasileira que come pedras
Qualidade de quem tem caráter íntegro
1.051, em algarismos romanos
Escolha; selecione
Adesivo de embalagem
Habitante de outro planeta (abrev.)
Cada parte do jogo de tênis
Bar típico do filme de faroeste (ing.)
Dia sagrado de descanso para os judeus
Saudação informal
Admiradoras que formam fã-clubes
Forma do decote pronunciado
Instrumento grave
Casa de dança
Di (?), pintor modernista de "Mulheres com Frutas"
Estrada, em inglês
A superfície desgastada pelo uso
Que ocorre em seguida
Sedimento de café
Teste de tiro (sigla)
Medida de navios (pl.)
Cálculo de velocidade da Física
Interjeição do descuidado
Melhor universidade do Brasil, em ranking
Impressão de ter ouvido algo (Med.)
"(?) Olhos do Pai", canção gospel

BANCO 3/mea — rat — lat. 4/road. 5/otose. 6/saloon. 7/antoine. 8/cosmaker. 15/estribo e martelo.

10

SOLUÇÃO DE SÁBADO

TELEVISÃO DE DOMINGO

2 | RECORD RS
06h00 Programa do Templo
07h00 Santo Culto
08h30 Iurd
09h00 Trilegal Tchê
10h00 Trilegal
11h00 Pica Pau
11h15 Todo Mundo Odeia o Chris
14h00 Cine Maior
15h30 Hora do Faro
18h00 Canta Comigo
19h30 Domingo Espetacular
23h00 A Grande Conquista
23h45 Câmera Record

18 | RECORD NEWS
05h30 Hora News
06h30 Nosso Tempo
07h00 Brasil Caminhoneiro
07h30 Hora News
08h00 Agro Record News
09h00 Estado de Excelência
09h30 Agro, Saúde e Cooperação
10h00 Momento Moto
10h30 Hora News
12h30 Camera Record News
13h30 Hora News
14h00 Câmera Record
15h00 Hora News
15h30 Doc Investigação
16h30 Ressoar
17h30 Record News Investigação
18h20 Record News Séries
19h00 Soltando os Bichos
19h30 Aldeia News
20h30 Record News Repórter
21h30 Câmera Record
22h30 Domingo Espetacular
01h30 Nosso Tempo

4 | PAMPA
07h Pampa Show Melhores Momentos
09h00 Programa Religioso
10h00 Tri Legal
11h Pampa Show Melhores Momentos
16h00 A Hora do Zap
17h00 Geral do Povo Ao Vivo
20h15 João Kleber Show
23h Pampa Show Melhores Momentos
23h30 Mega Senha Reprise
00h40 João Kleber Show Reprise

5 | SBT
06h00 Sbt News na Tv
07h00 Pé na Estrada
07h30 Sbt Agro
08h00 Sbt Sports
09h00 Notícias Impressionantes
09h20 Anonymus Gourmet
9h45 Na Beira do Fogo com El Topador
10h15 Masbah!
11h00 Sorteio da Tele Sena
11h15 Domingo Legal
15h30 Eliana
19h15 Roda a Roda Jequiti
20h00 Programa Silvio Santos
00h00 Brooklyn Nine Nine: Lei & Desordem

7 | TVE
06h00 Retratos da Fé
06h30 Universidades na Tve
07h00 Cantos do Sul da Terra
08h00 Rio Grande Rural
09h00 Agronacional
09h45 Canto e Sabor do Brasil
10h45 Brasileirão Série B Botafogo (Sp) X Vila Nova (Go) Ao Vivo
13h00 Samba na Gamboa
14h00 Sessão de Cinema
15h45 Brasileirão Série B Avaí X Chapecoense ao Vivo
18h15 Brasileirão Série B Goiás (Go) X Coritiba (Pr) Ao Vivo
20h30 No Mundo da Bola
21h30 Caminhos da Reportagem
22h00 Observatório Iecine
22h30 Cantos do Sul da Terra
23h30 Arraiá Brasil - Caruaru

10 | BAND
06h00 Band Kids Os Chocolix
07h00 Entre Amigos
08h00 Band Motores
08h30 Boca no Trombone
09h00 Trilegal Tchê
10h00 Alma: Futebol Brasileiro
10h30 Viva Sorte
12h00 Show do Esporte
12h20 Copa Truck
13h45 Show do Esporte
15h45 Campeonato Brasileiro Série B
18h00 Apito Final
20h00 Perrengue na Band
22h00 Top Cine
23h30 Canal Livre
00h30 Nascar Cup Series

12 | RBS
06:00 Galpão Crioulo
07:20 Pequenas Empresas & Grandes Negócios
08:05 Globo Rural
09:25 Auto Esporte
10:00 Esporte Espetacular
12:30 Temperatura Máxima - Capitã Marvel
14:20 Domingão Com Huck
15:40 Futebol - Vitória x Internacional
18:10 Domingão Com Huck
20:30 Fantástico
23:35 No Corre - Partiu Entrega
00:20 Domingo Maior - Busca Implacável 3
02:15 Cinemaço - Cidade de Deus

CR
correio do povo rural
rural@correiodopovo.com.br
Ano:41 Número: 2.132

CNA/DIVULGAÇÃO/CP

A tarefa gigante de reconstruir o campo

Ação encabeçada pelo Senar/RS, com apoio da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e orçamento de R$ 100 milhões, vai ajudar a recuperar pelo menos 12 mil propriedades atingidas pela enchente no Estado

THAISE TEIXEIRA

Foi preciso contar com as imagens de satélite da Embrapa Territorial e cruzá-las com as informações e coordenadas geográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para que o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural no Rio Grande do Sul (Senar-RS) pudesse ter uma noção de onde e como começar a auxiliar os agricultores que tiveram suas moradias, histórias, famílias e trabalho literalmente arrastados pela força das águas na enchente que se abateu sobre o Estado no mês maio. O estudo partiu da mancha de inundação resultante da catástrofe, que atingiu 506.774 hectares de 255 municípios gaúchos.

"Dos mais de 300 mil imóveis, 21 mil foram impactados pelas enchentes, além de 1.559 estabelecimentos agropecuários. O impacto na vegetação nativa ultrapassa os 90 mil hectares, em especial nas Áreas de Preservação Permanente (APPs) de beira de rios", detalha o chefe-geral da Embrapa Territorial, Gustavo Spadotti.

Com o mapa da tragédia e a localização das áreas mais atingidas em mãos, uma equipe de 200 técnicos do Senar-RS foi a campo. No primeiro momento, o objetivo foi avaliar a imensidão dos estragos para priorizar o auxílio que o serviço poderia prestar. "Chegávamos nos locais e não havia mais casas, propriedades, nada. Encontramos pessoas que saíram de casa com a roupa do corpo e não têm para onde voltar. E serão esses os primeiros a serem ajudados", diz o superintendente do Senar-RS, Eduardo Condorelli. No roteiro, estavam áreas rurais de municípios como São Jerônimo, Santa Cruz do Sul, Rio Pardinho, Rio Pardo, Rolante, Gramado, Santa Tereza, Bento Gonçalves, Cruzeiro do Sul, Lajeado, Roca Sales, Encantado e Muçum.

A iniciativa posta em prática pelo Senar-RS foi batizada de SuperAção e engloba o atendimento a mais de 12 mil propriedades. A realização ocorre em parceria com a Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS). A execução conta com um orçamento de R$ 100 milhões

> Chegávamos nos locais e não havia mais casas, propriedades, nada. Encontramos pessoas que saíram de casa com a roupa do corpo e não têm para onde voltar. E serão esses os primeiros a serem ajudados.
> **Eduardo Condorelli,** Superintendente do Senar-RS

da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil CNA). De acordo com o diretor de Assistência Técnica e Gerencial do Senar, Eduardo Oliveira, a equipe conta com 3 mil diagnósticos apurados, os quais apresentam diferentes realidades e contextos. "Temos as pessoas que precisam reconstruir a casa, o barracão, a estrutura de produção. Outras precisam de auxílio na alimentação dos animais que sobreviveram à enchente ou foram recuperados", exemplifica Oliveira.

O diagnóstico inicial, segundo Condorelli, já norteia as primeiras distribuições de auxílio. A entrega dos kits de sobrevivência iniciou na segunda semana de junho. Os chamados kits humanitários são entregues àqueles que perderam completamente a moradia. "Vamos dar um apoio para que eles possam recompor o mínimo da casa, pois não existem móveis, fogão, geladeira", explica. Já os produtores que salvaram os rebanhos receberão alimentação para os animais por, pelo menos, 90 dias, "para que possam passar o inverno", completa Condorelli.

O Senar-RS também encaminhará e custeará as análises dos solos afetados e viabilizará o serviço de telemedicina com apoio psicológico aos agricultores. "Encontramos as pessoas muito assustadas. Elas estão sem saber o que fazer, a violência com que as coisas aconteceram foi muito grande", comenta o superintendente.

Outra frente de trabalho está no pronto restabelecimento das condições de trabalho no campo. Para a missão, foram convocados técnicos do Senar de todo o país. As atribuições vão desde ajudar na limpeza das propriedades, que estão lotadas de galhos, pedras e terra, até a recuperação de motores e máquinas inundadas. "Estamos convidando federações e os Senar de todo o Brasil para contribuir com técnicos dos seus quadros de eletricista, manutenção e operação de máquinas e implementos para que a gente consiga restabelecer equipamentos elétricos, como ordenhadeiras e tratores. Num segundo momento, a intenção é realizar o mesmo movimento para recuperar solos, realizar plantios", relata Eduardo Oliveira.

Entrega de rações e abates de suínos normalizados

Escoamento da produção, entretanto, segue comprometido, conforme informa o Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do Rio Grande do Sul (Sips), tanto para os compradores internos como para exportação

A suinocultura foi bastante atingida pela catástrofe climática no Rio Grande do Sul, embora em menor percentual que a avicultura, já que as áreas inundadas abastecem 30% das integradoras. De acordo com o diretor executivo do Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do RS (Sips), Rogério Kerber, 70% das unidades localizam-se na região Noroeste do Estado, inclusive as exportadoras. "Os abates já foram retomados. Só não voltou a produzir quem realmente teve as instalações muito comprometidas", avalia Kerber. Há obstáculos, entretanto, para escoar a produção, seja para o mercado interno ou externo, via Rio Grande.

"Muitos produtores que estavam localizados na parte baixa estão conseguindo voltar às propriedades somente agora. Os que estavam nas partes mais altas, onde houve muito deslizamento, estão começando a se ajeitar", comenta o presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (Acsurs), Valdecir Folador. O dirigente aponta que 12,7 mil suínos morreram afogados e a Emater/RS-Ascar contabiliza 932 pocilgas atingidas parcial ou totalmente. Além disso, houve grande perda de desempenho nos plantéis. "Matrizes ficaram sem alimentação, não chegou o sêmen para inseminar, os leitões em amamentação tiveram pouco leite, os medicamentos não chegaram, de alguma forma, todos foram atingidos", explica Folador.

Nas indústrias, as principais avarias estão em estoques, embalagens, insumos, matérias primas, máquinas e equipamentos, veículos, móveis e utensílios. As dificuldades concentram-se nas regiões da Serra e dos Vales do Taquari, do Rio Pardo, dos Sinos e do Gravataí, que, juntas, alojam 1,4 milhão de suínos em integrações. Segundo o Sips, os prejuízos estão estimados em, pelo menos, R$ 80 milhões ao setor, que abate 40 mil suínos por dia no Estado.

Atualmente, o desabastecimento de ração às granjas parcialmente ou não atingidas pela catástrofe está equacionado. Após algumas propriedades ficarem até duas semanas sem receber alimentação devido às interrupções das estradas e pontes, Kerber afirma que não há mais animais sem receber comida. No entanto, diz que as cargas demoram bastante a chegar nos destinos. "Um caminhão distribuía até quatro cargas por dia. Hoje, distribui uma ou duas devido às dificuldades logísticas", exemplifica.

A fonte de esperança de indústrias e produtores está na liberação do crédito emergencial anunciado pelo governo federal para a reconstrução do Rio Grande do Sul. "Precisamos que este crédito chegue nos bancos para que possamos começar a levantar", pontua Santos. Uma reunião entre a Asgav, o Sips, o governo estadual e os representantes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ocorreu no dia 6 de junho para alinhar a questão.

Uma dos pedidos apresentados pelos integradores foi a extensão do Fundo Garantidor de Operações (FGO) para empresas com faturamento anual acima de R$ 300 milhões. "Temos grandes indústrias com faturamento médio acima deste valor e que também precisam desta concessão especial e extraordinária para conseguir o financiamento e manter os empregos", informa o presidente da Asgav, José Eduardo dos Santos. De acordo com a associação, o Estado conta, atualmente, com 21 indústrias avícolas em operação.

O BNDES oferece R$ 15 bilhões em recursos do Fundo Social do Pré-Sal para regiões que tiveram estado de calamidade decretado pelo governo federal devido às enchentes deste ano. Os financiamentos podem ser utilizados para capital de giro, aquisição de máquinas e equipamentos, além de projetos de investimento, como recuperação de plantas produtivas. "O campo não espera, as indústrias não esperam. O pessoal já está calejado. Tivemos ciclone em setembro, enchente em novembro. O que ocorreu lá atrás foi dado um jeito e já se estava produzindo normalmente. Agora, não mais", alerta Kerber.

LINHAS DE FINANCIAMENTO DO BNDES PARA EMPRESAS

Linha	Taxas	Prazos (meses)
Compra de máquinas, equipamentos e serviços	Custo base 1% ao ano + spread bancário	Até 60 com carência de 12
Financiamento a empreendimentos: projetos customizados incluindo obras de construção civil	Custo base 1% ao ano + Spread bancário	Até 120 com carência de 24
Capital de giro emergencial	Custo base 4% para micro, pequenas e médias empresas (MPME) e 6% ao ano para grandes empresas + spread bancário	Até 60 com carência de 12

WENDERSON ARAÚJO / TRILUX/CNA/DIVULGAÇÃO/CP

Avicultura gaúcha perdeu R$ 250 milhões

Segundo entidades do setor, pode ultrapassar 3,6 milhões o número de animais mortos na tragédia climática que se iniciou ainda em abril no Rio Grande do Sul, entre aves de corte, poedeiras, avós, matrizes e pintos de corte e postura

O fenômeno El Niño mostrou no Rio Grande do Sul, desde julho do ano passado, o tanto de severidade que guardava. Por três vezes, chegou com força, intensidade e grande poder de destruição. Ciclone e enchentes tornaram-se termos recorrentes desde que produtores rurais do Litoral Norte viram plantações e moradias devastadas pelo vento e pela água. Em setembro, o susto foi maior e chegou ao Vale do Taquari, região que concentra 22% dos abates comerciais de frango do Rio Grande do Sul. Uma nova rodada de destruição, na mesma região, foi vista em novembro. A avicultura gaúcha, que mal conseguira abrir os olhos do primeiro pesadelo, teve estruturas e aviários novamente atingidos.

A dupla perda de aviários, animais, genética, estruturas produtivas e industriais interferiu no desempenho global do setor. Enquanto o Brasil bateu recorde anual no volume embarcado, com alta de 6,6% em 2023 ante 2022, o Estado contabilizou decréscimo de 2,13% e foi o único a encerrar o período com saldo negativo. Na produção e no abate, segundo a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), a queda foi maior, de 5%, com menos 43 milhões de aves abatidas na comparação com o ano anterior.

Terceiro maior produtor e exportador da proteína do Brasil, o Rio Grande do Sul seguiu em desvantagem durante todo o primeiro trimestre de 2024. As primeiras consequências do desastre já apareceram no levantamento das exportações avícolas brasileiras de maio, divulgado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). Com 56,4 mil toneladas embarcadas, o Estado amargou uma queda de 11,4% nas remessas, ante o mesmo mês de 2023.

Passados mais de 40 dias do início da tragédia climática, os avicultores buscam a reconstrução da atividade não só no Vale do Taquari. A região foi a mais atingida pelas enchentes, mas traz consigo um rastro de destruição deixado em outros importantes polos avícolas do Estado. O segmento, que responde por 45% do valor bruto da produção pecuária do RS, contabiliza danos também na Serra, onde se concentram 27% dos abates avícolas. Há perdas ainda nas regiões Metropolitana, das Hortênsias, do Vale do Caí e do Vale do Rio Pardo que, juntas, compõem 20% dos abates.

"Em algum nível, os avicultores de 260 municípios (dos 473 afetados), que têm estrutura agroindustrial, foram afetados", afirma o presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), José Eduardo dos Santos. Segundo levantamento mais recente da Emater/RS-Ascar, quase 1,2 milhão de aves (comerciais e de subsistência) foram mortas e 804 aviários foram afetados pelas enchentes. "O número é muito maior", ressalva o dirigente.

De acordo com levantamento preliminar final de maio realizado pela Organização Avícola do Rio Grande do Sul (O.A.RS), Asgav e Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do RS (Sipargs) junto às indústrias integradas, o número de aves mortas com as cheias é superior a 3,6 milhões. O número engloba os exemplares de corte, as poedeiras, as avós e as matrizes, além de pintos de corte e de postura.

WENDERSON ARAÚJO / TRILUX / CNA / DIVULGAÇÃO/CP

Conforme a Asgav, cerca 260 dos 473 municípios do Rio Grande do Sul atingidos pelas enchentes tiveram prejuízos na avicultura

Quatro frigoríficos tiveram as atividades paralisadas, pelo menos, de 5 a 26 de maio. Após a água baixar, os abatedouros e de fábricas de insumos revelaram destruição de maquinário, equipamentos e edificações. Estragos são contabilizados também em frotas de veículos, bem como em estoques de embalagens e de ração. "Isso sem contar a perda de estoques (de frango e derivados) dos minimercados, mercados e supermercados, que nem mais a capacidade de pagar dívidas têm", pontua Santos.

A apuração parcial dos dados indica que, até agora, o setor acumula um prejuízo superior a R$ 250 milhões somente com a última calamidade. A soma final, entretanto, ainda demorará a ser divulgada, já que muitos acessos a áreas rurais ainda estão comprometidos devido ao rompimento de estradas, quedas de pontes e deslizamento de terra. Em setembro do ano passado, somente a primeira devastação do Vale do Taquari havia deixado um prejuízo em torno de R$ 220 milhões ao setor, conforme a O.A.RS.

Laboratório de Solos é projeto de Teutônia

Iniciativa da Fundação Agrícola do município, com apoio do Colégio Teutônia, pretende criar centro de estudos para tornar viável a recuperação de áreas degradadas por eventos climáticos como os que ocorreram no Estado em maio

A Fundação Agrícola Teutônia (FAT), entidade mantenedora do Colégio Teutônia, está coordenando uma projeto para viabilizar no município a instalação de um Laboratório de Análise de Solos do Vale do Taquari. A estrutura funcionaria junto ao educandário. Uma comissão da região está trabalhando para captar recursos nas esferas federal e estadual, uma vez que a obra necessitaria de cerca de R$ 923 em investimentos para se concretizar.

"O Vale do Taquari e o Estado foram severamente atingidos pelas cheias. Além das áreas urbanas, empresas e rodovias, o campo também foi muito afetado. O Laboratório de Análise de Solos busca contribuir com as áreas impactadas pelas enchentes, recuperando suas propriedades produtivas e melhorando a produtividade das diferentes culturas que nos caracterizam como o Vale dos Alimentos", destacou o diretor do Colégio Teutônia, Mauro Alberto Nüske.

LEANDRO HAMESTER/DIVULGAÇÃO/CP

Projeto foi apresentado à comunidade e objetiva acelerar as análises dos terrenos, indicando a melhor utilização

O presidente da Diretoria Executiva da FAT, Samuel Maders, valorizou o histórico da entidade no trabalho de formação, qualificação e serviços relacionados ao agronegócio, justificando o envolvimento da entidade no novo projeto. "O laboratório é algo que vem sendo sonhado e planejado há muitos anos, e o momento atual reforça a urgência pela sua implantação, diante de um Vale que teve suas atividades no campo duramente prejudicadas, com perdas ainda incalculáveis", comentou. Segundo Maders, é preciso congregar esforços e ter o apoio do Estado e da União para que o projeto se viabilize.

O biólogo, professor e secretário de Administração de Bom Retiro do Sul, Carlos Dullius, detalhou a proposta de prestação de serviços e atuação do Laboratório de Análise de Solos, que deverá atender principalmente a região do Vale do Taquari, caracterizada por pequenas propriedades rurais familiares e indústrias de alimento que beneficiam e agregam valor à produção primária, além de ser reconhecida pela atuação do sistema cooperativo. "As características regionais reafirmam a necessidade de sermos cada vez mais eficientes na pequena propriedade, realidade que foi modificada pela ocorrência das últimas enchentes, resultando em solos completamente degradados", pontua. Um dos propósitos do laboratório é auxiliar agilizar as análises de solo, reduzindo tempo e custos logísticos, principalmente na conjuntura pós tragédia, em que a demanda deve se manter elevada.

Além da prestação de serviços, a proposta também tem caráter que integra ações de pesquisa e extensão, com projetos que atenderão interesses públicos. No rol de análises físicas, o laboratório realizará análises de umidade do solo (volumétrica e gravimétrica), distribuição do tamanho e estabilidade dos agregados, análise granulométrica, de densidade de partículas e do solo, porosidade, condutividade hidráulica e resistência mecânica do solo à penetração das raízes, bem como análise dos dejetos orgânicos de animais (líquidos e sólidos), análise foliar, análise físico-química e análises específicas para o cultivo de orgânicos considerando a perspectiva regional. "De forma geral, o intuito é atender demandas que promovam a melhoria da ocupação do solo, aumentando a produtividade e eficiência com um viés sustentável", resumiu Dullius.

COTAÇÕES & MERCADO

PREÇOS AO PRODUTOR (em R$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	101,00	112,65	120,00
Boi gordo	kg vivo	8,00	8,44	9,50
Búfalo	kg vivo	6,00	6,99	8,30
Cordeiro p/ abate	kg vivo	7,00	8,01	8,70
Feijão	saco 60 kg	160,00	271,25	510,00
Milho	saco 60 kg	54,00	56,98	73,00
Soja	saco 60 kg	119,00	122,05	128,00
Suíno	kg vivo	4,55	5,12	5,40
Trigo	saco 60 kg	64,00	67,06	70,00
Vaca	kg vivo	7,00	7,42	7,75

Semana de 10/06/2024 a 14/06/2024

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	10.033,3	10.395,7
Feijão	3.040,6	3.331,3
Milho	131.865,9	114.144,3
Soja	154.617,4	147.353,5
Trigo	10.817,5	9.065,3

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	1.479,6	1.591,6
Feijão	2.693,6	2.844,7
Milho	22.267,4	20.837,6
Soja	44.075,6	45.978,0
Trigo	3.450,5	3.078,4

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	6.934,4	7.083,1
Feijão	72,7	75,4
Milho	3.731,8	4.914,7
Soja	13.018,4	20.193,2
Trigo	5.732,6	4.187,0

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	862,6	900,6
Feijão	47,6	48,5
Milho	831,5	814,9
Soja	6.555,1	6.764,9
Trigo	1.454,6	1.342,0

Dados do 9° Levantamento de Safra 2023/2024 da Conab

CAMPEREADA

PAULO MENDES
pmendes@correiodopovo.com.br

A imensidão do nada

Bem lá amanhecer dos tempos, no alvorecer da Pátria, quando foram dados os primeiros atropelos e feitas as primeiras campereadas, quando as pedras eram pedras, o couro era recém amaciado e retorcido, nada era nomeado e os homens viviam por códigos. Era uma época de névoas e distopias. Animais pareciam monstros e os monstros eram semelhantes aos homens, que não tinham moradas fixas, andavam de um lugar para o outro, vagando em dias longos, de pouca luz, frios e tenebrosos. Sem calendários, os seres nasciam, cresciam e morriam sem saber quanto haviam vivido. Sem mapas, andavam de um lado para outro sem direção, perdidos nas brumas da imensidão do infinito. E do nada.

Assim se sentia, agora, aqui debaixo do lonão, dom Pedroso. Perdido em meio ao caos que se transformara este mundo irreal, enigmático e sofrido para o qual haviam decido se bandear já há tanto tempo. Cavalos tinha visto mas agora eram demasiado poucos, por essas bandas nem carroças existiam mais. Mas nas enchentes eles apareceram trepados até nas cumeeiras das casas, dentro de apartamentos de forma inusitada e curiosa. Chegaram até denominar um tostado ruano de 'Caramelo", como o povo das cidades chamam os cachorros deste pelo. "Que coisa", dizia baixinho dom Pedroso para os netos, que agora nem na escolinha da ilha iam mais. "Queria que estudassem, para que tivessem uma vida diferente da minha e do pai deles", pensava o ancião.

MAURO SCHAEFER / CP

As águas haviam baixado revelando a podridão que se transformaram as ruas. Até eles que não tinham quase mada, ficaram com menos ainda. Apareceram umas pessoas de jalecos coloridos, fazendo perguntas, entregaram uns sacos com alimentos, remédios, algumas sacolas com roupas para as crianças, para o filho e a nora. Dom Pedroso não pegou nada, já não precisava de nada, sabia que sua vida estava irremediavelmente perdida. "Já não sou mais o que era/ Tapera, vazio imenso/ Mateio em ronda de espera/ Olhando o rio em silêncio..." Havia composto esta estrofe quando rapaz, prevendo o futuro, numa época em que até violão tocava. E seguia: "Tenho saudade dos amores e amigos, mais antigos/ Todos se foram de mim/ Deixa eu tomar um outro mate criatura/ Não me apura, que a jornada tá no fim..." Esquecera o início da canção, também, faz tanto tempo. Espera, veio, era assim: "Hoje eu acordei angustiado, mais cansado, que aflito/ Um vagão abandonado, uma estação em apito..." O final, ele nunca esquecera e agora, assobia a melodia, antes de cantar baixinho: "Mas não tem nada e nem que tenha, mando lenha/ Amanhã vou encilhar/ Vou dar pasto a esta alma missioneira, companheira, ela nasceu pra pelear..."

Os dias bocejam, fecham os olhos mas não dormem. Ninguém dorme direito dentro dessas barracas improvisadas à beira das rodovias.

Os dias bocejam, fecham os olhos mas não dormem. Ninguém dorme direito dentro dessas barracas improvisadas à beira das rodovias. É vento e frio. O filho e a companheira têm se rebuscado catando destroços da cheia, produtos de mais valia, ainda com utilidade. Havia um comprador que sempre que o rapaz achava algo de valor, dava-lhe uns trocados a mais, dez, vinte, até cinquenta, mesmo aquilo valendo quinhentas vezes mais. O rapaz não reclamava, a mulher também. Dom Pedroso não dizia nada, apenas mirava o rio em silêncio.